

Flávio Tonnetti**Viagens entre amigos**

Mesmo sendo um artista com formação filosófica, demorei a descobrir o pensamento de Flusser, que me foi apresentado somente quando terminava um mestrado em filosofia da neurociência, mirando questões em torno da atenção visual e da psicofisiologia, e já completamente desinteressado por filosofia. Quem me apresentou ao pensamento de Flusser foi minha amiga Vanice Ribeiro, uma lógica especializada em Wittgenstein que, como eu, tinha um forte interesse em arte contemporânea. Ela foi a pessoa que me acolheu quando me mudei para a cidade litorânea de Santos, onde fomos professores universitários, me salvando, com sua amizade, da solidão e do tédio. Por nos confinar em gabinetes silenciosos e bibliotecas, a filosofia acadêmica sempre fora, para mim, o avesso da amizade. Apesar de me manter profissionalmente como professor universitário — ofício que performo até hoje — já tinha decidido me afastar da filosofia escolar, justamente por seu embotamento e sua impotência em relação à vida. Mas, nessa cidade solar, quando seus breves ensaios sobre mídia e linguagem me caíram nas mãos, vislumbrei um outro lugar para a filosofia em sua relação com a arte — e com a vida. Meu contato com a obra de Flusser se deu, inicialmente, pelo encontro com sua filosofia da caixa preta, e, depois, com suas concepções sobre criação e linguagem. Anos mais tarde tive a oportunidade de ler sua correspondência no Arquivo Flusser em Berlim e, para minha surpresa, encontrei correspondências de Flusser com o artista surrealista Sérgio Lima — os dois trocando dicas de yoga e receitas culinárias. Sérgio Lima era um amigo com quem eu havia tido aulas em um dos tantos cursos universitários que iniciei sem terminar, e com quem havia conversado antes de iniciar essa viagem que, erraticamente e sem planejamento, me levaria primeiro aos arquivos europeus, depois à Turquia e à Rússia. Para mim, o pensamento de Flusser se conecta com esse gosto pela amizade e com esse apreço pelo inusitado que permitimos a nós mesmos quando iniciamos uma viagem — de preferência com destino indefinido. Não o encontrei em minha escrivania: foi preciso uma mudança, o que é absolutamente emblemático. Desde então, seu pensamento desterrado tem me acompanhado em minha própria migração: foi importante em meu percurso filosófico em Timor-Leste e na Espanha, em meu trabalho artístico na Bélgica e no Brasil, em minhas pesquisas na Alemanha e na Ásia. Flusser continua a ser importante justamente por nos ensinar sobre a necessidade de partir; e para nos ensinar a retornar — a lugares nos quais nunca estaremos. Com ele, aprendi a me tornar um criador que aposta na amizade como lugar potente para a invenção de uma vida que migra para além de si mesma. Aprendo com Flusser, ainda hoje, a projetar meu pensamento para além das fronteiras da minha própria linguagem, subvertendo-a e recusando-a — correndo os riscos de uma

vida sempre perigosa. Radicalmente imbuído destas ideias sobre a reinvenção de si e da nossa relação com dispositivos, cheguei mesmo a perder um emprego acadêmico de prestígio quando decidi dar uma disciplina inteira sobre linguagem para um curso de doutorado sem proferir uma única palavra. Ao abrir meu corpo para tantas outras possibilidades a partir de uma pedagogia do silêncio, descobri a performance como prática do pensamento. Descobri, no meu corpo, outros corpos. E nesses novos transes, encontro um Flusser inventor de outras formas de vida e de novos meios de dizer o mundo — e, portanto, de criá-lo: em primeira pessoa; rodeado de amigos.